

Guilherme Figueiredo, cronista

Oswaldino Marques*

O domínio da prosa pressupõe um tirocínio tão exigente, tão fino quanto a arte da composição musical. Pensa-se, com a leviandade costumeira, que cultivar esse gênero complexo é aplicar à retícula das palavras certo ludismo combinatório que resulte numa urdidura oracional sem maiores conseqüências. O inverso disso é que é a inteira verdade.

Cumpra ao prosador genuíno prover-se de sondas que lhe possibilitem o empenho exploratório dos mais recônditos estratos do vernáculo, indo apalpar com infalível faro as células de expressividade que profusamente se disseminam por todo o organismo da linguagem.

Nessa porfia, ou é guiado por uma exaustiva ciência dos conteúdos vitais da experiência, que por primeiro abastecida do máximo teor de sensorialidade — os frêmitos e urgências do corpo! — prossegue no mergulho até as matrizes noéticas onde se nutre a inteligência — ou malogra desastrosamente na conquista de um... estilo.

Não se espante o leitor: é isso mesmo que temos em mente! Escrever, sobre reclamar a exaustiva competência propriamente lingüística, a satisfação do requisito básico que é o assenhoreamento do instrumento verbal, pressupõe a apropriação plena dos canais de conhecimento do mundo.

Um autor de vivência desdenhável, que na prática gregária decante em seus repositórios apenas um limo existencial, estará fadado, por maior que seja a sua perícia no trato da linguagem, a plasmar tão-só textos pífios, destituídos de interesse.

O assunto já foi alhures abordado por nós mais dilatadamente. Seja-nos permitido apenas reproduzir o remate do nosso pensamento anterior:

A instrumentalidade é imanente aos símbolos verbais. O poeta, ao lidar com vocábulos, está amalgamando a um só tempo a sua experiência e as fontes dessa experiência. A palavra é seu canal aferente anastomosado com o mundo — por ele a realidade irriga o criador e este, por seu turno, fecunda o real. Poesia — permuta entre universos.

É o que precisamente polariza a nossa atenção quando da leitura do estupendo *Presente de Grego* (e outros presentes) — crônicas — da autoria de Guilherme Figueiredo (Editora Atheneu Cultura, 1990).

Em primeiro lugar, assombram-nos os poderes do mestre consumado do idioma português, detentor dos mais eficazes recursos da comunicação, sem

* Professor da UnB, Ex-professor da Universidade de Wisconsin, EUA, poeta e crítico literário. Autor de *Acoplagem no Espaço*, São Paulo: Perspectiva, 1990.

cessar promovidos à condição estética. Guilherme Figueiredo diz o que quer com elegância, propriedade certa e pessoalíssimo zest. Além disso, tudo o que verte a sua pena se embebe em humor coriscado de surpresas, de ineditismo. O seu wit, de ajustadíssima mira, é desses que nos lavam o peito, ateando-nos o desejo de possuir talento suficiente para fazê-lo também dardejar dentro de nós.

Em segundo, difícil, ou quase impossível, é mapear as inúmeras áreas por onde transita o espírito do freqüentador infatigável da humanosfera, tomado o termo em sua máxima abrangência física e cultural, pois o onívoro polímata já cruzou os vários continentes e tirou a contraprova de todas as experiências civilizatórias, no Ocidente e no Oriente.

Há em seus textos uma confluência tal de revelações, suma de ilustração que vai desde o enraizamento dos apetites e euforia do corpo na sua sede de revitalização, passando pelas mais diversas modalidades de situações grupais até o espraiamento em múltiplos espaços geográficos, trilhados diretamente pelo fabuloso globe-trotter.

Referência à parte merecem as esferas de cultura familiares a Guilherme Figueiredo. É inacreditável o que conhece de História antiga e — pasmai — de História do Brasil também! de mitologia, religiões, Estética, literatura clássica e moderna, drama, música, dança, pintura (aí incluída a colonial nativa), Política... O que sabe — papilarmente! — de comidas, vinhos, cervejas, doces, não fosse ele um gourmet requintadíssimo, autor do succulento e indispensável *Comidas, Meu Santo*, sobre a arte culinária no Rio de Janeiro desde a ucharia d'El Rei!

De tudo isso resulta, para a prosa do Mestre, uma alegria, um deleite no escrever — quase me escapele lascívia — que constitui não dos menores agentes a tonificar, enriquecer e ofuscar o leitor.

Urge, *pari passu*, pôr em realce o fato de que o nosso Autor, com o apelo a tal cópia de agenciamentos, reabilita a categoria já dessorada do que entre nós se convencionou denominar crônica.

Sabe-se que esta representa a contribuição única brasileira aos gêneros literários. Perceptível o seu parentesco com o *essay* como praticado entre os ingleses, mas forçoso é reconhecer que no nosso país seus contornos obedecem a um traçejamento próprio.

Embora o termo derive do grego *chronos*, tal modalidade de criação verbal foi entre nós escrupulosamente esvaziada de tempo e reduzida não mais do que a um retalho de filigrana lírica.

Guilherme Figueiredo traz o tempo de volta às engrenagens delicadas da crônica, não, todavia, como um relojoeiro, um ajustador de cronômetros absorto em suas piolhices de precisão, mas como um resgatador da História e da sensibilidade de sua era. Daí não guardar a mínima semelhança com cultores outros do gênero em questão. Que imensa distância o separa, digamos, de um Rubem

Braga, de um Paulo Mendes Campos, até de um Carlos Drummond de Andrade!

Causa mesmo espécie a leitura de *Presente de Grego*, livro que compele a entrar-se na posse dos "dados culturais" do Autor, se não se quiser ficar de fora do fascinante universo de percepções, vivências, informações do *savant*, soberano no interior da galáxia literária engastada no sistema solar da inteligência.

Fogem a qualquer classificação os textos enfeixados em *Presente de Grego*, posto que ostentem o rótulo de crônicas. São antes concentrados de profusas mensagens sobre os mais diversos assuntos, submetidos a um tratamento formal de impecável bom gosto e de superlativo requinte estilístico.

Dito assim pode parecer que a prosa guilhermiana poreja de nugas ornamentais e é modelo de superfetação. Poreja, sim, mas é de graça e de invenção bailarina, todo permeada do mais tônico, do mais desimpedido humor.

O sainete ou as virtudes dissolventes do vitríolo não são, porém, as notas únicas na partitura entretecida por Guilherme Figueiredo. A poesia irrompe não raro no bojo de suas criações e as transmuta em impressionantes visões alucinógenas, ou sombras de lanternas chinesas. O demiurgo brinca, então, à vontade, com a emoção do leitor e o arrebatava a altitudes mágicas, alumbraamentos.

Temos em mente, por exemplo, a soberba página "Pesadelo no Temporal", elegia que recorda um ofício de tenebras a John Donne, e que também nos trouxe aos ouvidos a população de harmonias de *L'Enfant et le Sortilège*, de Ravel-Colette.

Rivaliza com os primores do livro o bellissimo essay "A Oração da Acrópole", bem como "As Alegrias da Cerveja" e "As Primaveras do Tango". Inesquecíveis, igualmente, "Um Casal de Papagaios Vermelhos", "As Mulheres de Cnossos", "O Pecado no Convento de Cluny". Este é uma magnífica vinheta, admirável espécime de crítica de artes plásticas versando sobre *La Dame à la Licorne*.

De impagável verve é "Da Continuidade do Contínuo". De comovente, militante confraternização, "Um Brasileiro em Leningrado".

Se quiserem naufragar em comidas, saboreiem "As Vicissitudes do Senhor Prefeito", com a descrição do pantagruélico banquete em que é devorado um gigantesco javali na brasa, tendo por cenário a mansão do *Maire d'Eu*, com perdão da palavra. Para competir com isso só a *Cena Trimalchionis* no *Satíricon* de Petrónio. Regalem-se com "Um Festival Culinário", com "Uma Antologia da Pimenta", "A Cozinha de Samuel Pepys", "Prelibação da Arte de Comer", "Gomes de Sá e sua Contribuição para a Paz".

Lemos, com um estremecimento nas raízes, a invulgar página "Primeiros e Últimos Constitucionalistas". Não é só um preito de admiração e saudade de um filho a seu ínclito pai. É um depoimento extraordinário de um cidadão cujo galardão *d'honneur* são seus dilatadíssimos horizontes humanos, sustentados por uma dignidade essencial imácula em meio a um lodaçal de abjeções.

A expressão de Guilherme Figueiredo é enxuta, cortante — obedece a risco de cuteleiro.

É com aticismo inigualável que ele crisma a ironia subentendida, quando quase se confunde com um "pisar de olho invisível": "carícia feita a navalha".

A mão de um ancião que, na juventude, "se arredondava para um seio", agora "parece apenas engradá-lo".

As confidências que dois inoportunos se trocam num bar são "como selos em duplicatas".

De Joana d'Arc diz que a sua morte foi "crepitante"!

O célebre inventor do "bacalhau a Gomes de Sá" é agraciado com o epíteto: "Poeta da Caçarola".

Sobre Savonarola que, no seu fanatismo místico, quis converter Florença num braseiro, comenta: "Graças a Deus, foi ele próprio à fogueira antes de incendiar a Arte..."

Falando do cuspe com que era colada outrora a estampilha nos requerimentos, registra que era "mandado como delicado escarro às autoridades".

Dos postulantes que modorram na ante-sala dos gabinetes ministeriais, surpreende os que esfiapam "os fundilhos na esfarrapada palhinha da esperança."

Sua definição de um clássico: "O que está sempre fora de moda e na moda".

Sobre Brasília: "Não tem mexerico, só tem boato. Lá os carros bebem álcool para esquecer."

Flagrante do escritor Galeão Coutinho: "Miúdo, saltitante como um chinês de pingue-pongue, farfalhando uma cabeleira de sorvete de flocos, deflagrador de uma risada constelada de dentes".

Sobre Agripino Grieco, na sua gana açoitadora dos ignorantes: "Ia-lhe ao encaço, atingia-lhe os quatro calcanhares, de uma só flechada".

Sobre um tartufo acadêmico de cariz mais do que desfrutável: "Está sempre a embarcar para a Unesco, para recitar o verbo avoar, atropelar editores, divulgar em Paris a moqueca e a carne-de-sol."

Fulminando a parvoíce que é o emprego de livros descartáveis, sentencia: "Livro não se joga fora, joga-se dentro."

Guilherme Figueiredo arroteia o território da crônica já há muitos anos. Algumas das mais irresistíveis de sua lavra se encontram enfeixadas no delicioso *A Pluma e o Vento* (Editora Cátedra, 1977.) É, também, romancista, contista, crítico, poeta, tradutor exímio, humorista de primeira água.

Menção especial reservaremos à sua contribuição ao teatro. É o maior dramaturgo brasileiro dos últimos cinquenta anos. *A Raposa e as Uvas* é obra-prima em qualquer tempo e latitude. Não é à toa que já foi traduzida para mais de dez idiomas, encenada sempre com retumbantes aplausos. Essa e mais outras peças suas, tais como *Um Deus Dormiu Lá em Casa*, *Lady Godiva*, *Tragédia para Rir*, *O Asilado*, *Os Fantasmas*, lhe granjearam cobiçadíssimas láureas

em numerosos países europeus e sul-americanos, assim como em palcos nacionais.

Face à sua obra de teatrólogo, os textos de Nelson Rodrigues não passam de um deplorável equívoco da produção dramática deste país. O contraste se torna imperativo para patentear o extravio da crítica especializada nesse setor. **Si natura negat, facit indignatio uersum / Difficile est satiram non scribere.**